



Director literario:
Antonio Silva
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Malta
PAPUSSE

CONTO VERDADEIRO

O cão do moleiro

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES

::: :: de 12 anos de idade ::: :::

-1.º PRÉMIO—SÉRIE A-

» DESENHOS de EDUARDO MALTA »

LÁZARO «Moleiro» natural de Tourém, que marinheiro foi também, tinha lá na marinha um lindíssimo cão felpudo, que para êle era tudo.

O animal, na realidade, tinha muita, muita habilidade e, sempre depois da baldeação, iam todos os marinheiros para o convés, brincar com o cão que tantas gracinhas fazia, que toda a tripulação ria. Enfim, o cãesito era do barco a «mascotte», e de irrepreensível porte.

Uma vez, no convés, o cão ao dar um salto mais alto, pelo que teve de tomar muito balanço, caiu ao mar pela amurada, ficando ali toda a gente consternada.

Como o mar estava manso, com certa facilidade agarraram o cão mas, oh! fatalidade, era já tarde; a «mascotte»



tinha morrido. O seu dono, cheio de pranto, muito sentido, ordenou, (por ser o mais graduado) que fosse o cão metido num caixão.

E, com muita decência, depois de lhe fazerem a devida continência, foi atáude lançado à água, pelo que deixou os seus amigos, cheios de mágua.

* * *

Passando à reserva, o Lázaro foi para Tourém, e assim, aliviou as saudades da mãe. E lá na terra, nas faldas da Serra, se fez moleiro, mas jámais esquecendo o seu fiel companheiro. Pediu muitas vezes a Deus, em oração, que lhe desse outro cão, que fosse ao outro igual, tal-qual, do mesmo tamanho.

Um dia, pela tardinha, foi ao banho, com seu amigo Zé-quinha, refrescar-se do calor, lá a baixo ao rio do Heitor. O Lázaro moleiro, foi o primeiro da água a sair e, sentado na beira do rio, admirado viu, o «Marechal», o cão do Zé-quinha, a brincar com outro cãesito, tão pequenito, mas muito parecido com o seu «Mandavir».

Ficou tão alegre o pobre moleiro que, muito ligeiro, pegou logo no cão que muito beijou e, então, reparou num branco sinal, que o cão apresentava no apêndice caudal.

Oh! meu Deus, êste é o meu cão?!

E agradeceu à Divina Providência, resando outra oração. Era certo, o seu «Mandavir» que um marinheiro ao mar lançou, ressuscitou!

(CONTINUA NA PAG. 2)



Foi o ceu, que num momento apareceu, da côr do alma-
gê, que fez o milagre!!!

O moinho do Lázaro moleiro, era o mais bonitinho do mundo inteiro. Era situado ao pé duma fonte, e movido com água do monte,

O moleiro com o seu «Mandavir», quando de casa saía, sempre seguia pelo mesmo caminho que vai dar ao moinho. Já quasi noitinha, lá foi buscar a farinha.

Que arrelia teve nesse dia.

Quando lá chegou, reparou que o seu moinho tinha parado. Abriu a porta, muito assustado, e viu que um malvado feito tinha com que o moinho não lhe desse farinha.

Veiu ao rio e, com muito geitinho, carregou a água para o seu moinho; então, êste continuou moendo até que a aurora foi aparecendo.

Deu pela falta do seu companheiro, alta noite, o moleiro e, por mais que assobiasse e o chamasse, o seu cão não vinha. Encheu o seu taleigo da farinha, e veiu rio abaixo até sua casinha. Chegou lá, perguntou; — Maria, já chegou o nosso cãesinho?

— Não, maridinho.

— Essa agora!...



Naquele momento ouviu-se lá fóra, muita gente a rir.

O que havia de ser?! Era o «Mandavir» que andava a correr atrás do sargento da Guarda Fiscal. E' que o animal vira que, ao moinho do dono, tinham feito mal, e tanto farejou que o rasto dalguem encontrou! E no fim de tanta canceira, pois tinha levado a noite inteira a procurar, por todo o lugar, qual o habitante, que num instante, feito tinha com que o moinho, durante o dia, não fizesse de farinha nem um pucarinho! Quem é que diria?!

Pois é verdade, minhas meninas e meus meninos. Para a petisada, lá de Tourêm, foi aquêlê dia de grande risada, e para os homens também.

O «Mandavir», a todos fez rir, porque se foi pôr, à porta do Heitor, e a todos farejava, a quem por ali passava.

A tia Ludovina, mulher do Oliveira, assim desta maneira contou: — Eu vi, alta noite, quando ia passar o meu contrabando, andar por aqui, vagueando e uivando, o seu cão, ó tio Lázaro moleiro! Á mim, primeiro, me farejou «munto», e eu julguei que fosse por causa do presunto, que esta noite passei ali para Randim, mas logo disse p'ra mim: — Não, o cão anda à procura seja lá de quem fór, talvez do Cura ou do Professôr. Por fim, se foi pôr ali à porta do quartel da Guarda Fiscal e, por sinal, dali não saiu, até que a luz do dia viu. Pois eu fui a Randim e, quando vim, ainda o «Man-

davir» ali estava mas já não uivava. E agora vejo muito admirada, que o cão ao sargento quere dar uma dentada!

— O que vem isto a ser, não me sabem dizer?



O Lázaro moleiro, que tinha saído da sua casinha e que ainda vinha todo branco da farinha, explicou:

— E' que, tia Ludovina, ouça bem o que eu digo, o meu grande amigo, o meu «Mandavir», andou toda a noite por aí a latir, como você diz muito bem o ouvir. é porque andava a procurar, e até que veio encontrar, e esta é que é muito boa, ali na pessoa do nosso sargento, o homem; lobisomem que pelo meu moinho ontem passou, e lá meteu o narizinho. E, como visse que bem funcionava, disse:



— Espera, Lázaro moleiro, que eu vou já ao lameiro, cortar a água ao teu moinho.

E assim fez o homemzinho,

(Continúa na pag. 7)

Primeiro prémio — Série B

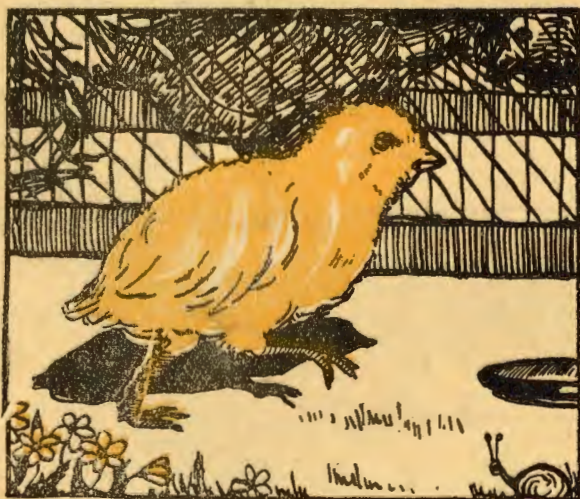


POR
JOSÉ DA ROCHA PEREIRA



HISTÓRIA DE UM PINTINHO AMARELO

Por DURVAL PIRES DE LIMA
 1.^a menção honrosa — Série C.
 Desenhos de EDUARDO MALTA



ERA uma vez um pintinho, pequenino, amarelinho, que nasceu de um ovo branquinho e redondinho, numa sexta feira, por sinal dia de Natal.

O pintainho, redondo como um novelo amarelo, era o encanto dos pais e outros que tais, que todas as manhãs o vinham ver a comer no prato de barro vermelho, polido como um espelho.

E os papás e as mamãs, ao verem o pintinho loirinho, diziam uns para os outros, risonhos:

Có, có, có,
 Já viram o pinto
 Faminto?

E o galo branco de crista encarnada, toda tufada, dava bicadinhas, engraçadinhas e pequeninas na mãesinha galinha, que olhava por eles e por eles cuidava.

Mas o pintinho amarelo e saltarelo foi crescendo, crescendo e fez-se um frango castanho e bonito que, cantando ao pôr-do-sol e pela noite adiante e distante, foi o ai-Jesus de todas as frangas loiras e casadoiras, que por quinteiros e poleiros andavam e cochilavam espreitando a lua.

Ora, meus meninos, se o não sabem, fiquem sabendo que, quando um pinto toma amores, são uns temores e uns sabores, que o põe na muda feiúda e fica sem penas naquele logar natural, que não é bonito ser dito.

O frango, que os amigos de pequenino e tamanino chamavam pinto, ficou todo apaixonado e encantado por uma visinha azougada e aperaltada, que era a ralação de um pavão empavonado de cauda em leque e queixo barbado.

Rondou-lhe a capoeira, onde ela matreira dormia e sorria pensando naquele fedelho, perdido por ela, de bico amarelo, lida e sabida em coisas de amor.

Qui, qui ri qui?
 Que queres tu de mim,
 De... mim?

E êle espreitava pelo arame pintado de encarnado e, pondo a cabecinha maneirinha de lado, respondia:

Qui... ri qui...
 Vem para mim
 Que gosto de ti,



No dia seguinte, o galo branco, de colarinho, bengala e chapéu, foi com o compadre Béubéu pedir a mão pequenina da franga ladina de bico amarelo.

Que coisa bonita, de ver e rever, foram as bodas dos dois!

Gente de fóra, vinda pelo seu pé, ou pelo ar a voar, pombos de pombais e galinhas de outros quintais, um peru velho e um pato marreco, trapalhão, badameco!

Quem os casou, à sua moda já se vê, foi um coelho zarelho, que na horta, à porta da toca, apanhara um ar que o fazia andar agora assim, para um lado—zás! e para o outro—trás!...

Depois, foi o copo de água de grandes acepipes, pitéus e piteiras, pela noite adiante; de danças e batuques em honra dos dois; em quanto o pavão empavonado se mordida e retorcia, carpindo de si para si:

Glu, glu, glu;
quem me dera a ti,
glu, glu, glu...

mas, coitado, não mais podia fazer nem dizer, porque ao



pentear o rabo pintado, um fio corredio lhe entrou pelo bico e, num instante alarmante, se lhe enroscou na garganta:

quem me dera a ti,
glu, glu, glu,
quem me dera a ti...

O certo foi que os dois viveram juntinhos e amiguinhos a mais não poder ser, pondo ovinhos brancos e amarelos, até que um dia aziago chegou e ao pinto apanhou—então já galo feito e refeito—com boas côres e melhores febras, apetitosas para as meninas gulosas e a cosinheira com um facão tamanho meteu-o e coseu-o, depois de o matar sem pensar, numa panela sobre a lenha a crepitar e a espirrar.

A pinta, já senhora, muito chorou e penou mas, não lhe queiram mal, tenham dela dó, tudo isso foi um dia só. Ao outro já ela dizia à janela amarela:

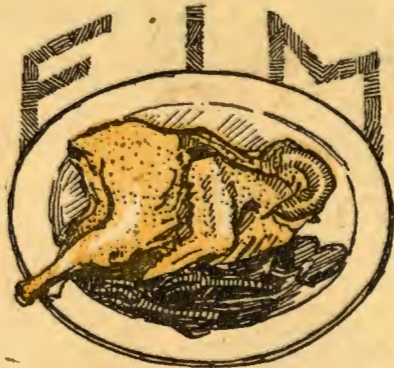


Cá, cará, cá;
Quem quer vir para cá,
Para cá,
Cá-cá,
Tem mulher menos má,
Sopinhas de milho,
Cá, cará, cá!...

E o primeiro que passou foi um galinho novo, desses que veem da Índia, todos pintadinhos de novo; e o galinho entrou,

Qui, qui, ri, qui,
Aqui me tens a mim!...

Só o outro, coitadinho, pintainho amarelinho, foi cosendo, cosendo, moido e remoido... e... era uma vez!...



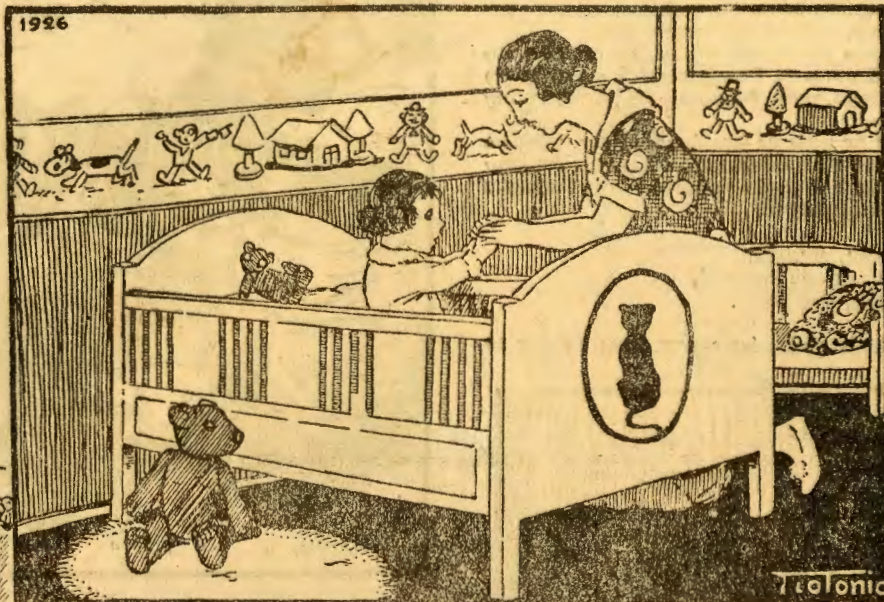
Rogerio dos Santos Soares, 10 anos. Sexta menção honrosa do Concurso dos Contos



Maria Bela Jardim de Carvalho, 10 anos. Terceira menção honrosa do Concurso de Poesia



Arlindo da Silva Coelho. Série B. Menção honrosa sem numeração do Concurso de Poesia



A HORA DO O-O

(Ao bébé JOSÉ ANDRADE)



AE!
— Vem ensinar-me a rezar...
todos os meninos rezam,
e eu quero rezar tambem!!»

.....
Da lamparina à luz semi-velada,
A sua camisinha, toda alvôr,
tinha a cândida côr da madrugada,
a transparencia virginal e alada,
da diátana auréola do Senhor!!...

— «Filhinho:
Ergue as mãosinhas,
ouve o que eu digo;
anda, dobra o joelhinho...
as perninhas...
e agora, dize comigo:
— Padre Nosso,
que estais no céu...»
«— Pade nosso...
'stais no céu...— Mãe:
se eu repetir tudo bem,
compras-me aquele carrinho,
que está numa montra, além?...
É o cavalinho? E a bola?
Anda, Mãesinha, promete!!
...? e aquela bicicleta,
que faz: — pó, pó, pó, pó, pó,
e parece um diabrete
quando acorda o meu ó-ó?»

«Compro, mas has-de rezar!

Pediste p'ra te ensinar,
e afinal não rezas nada!...
Vá, dize: — santificado...—»

«—Mãe! E o boneco pintado,
que tem na mão uma espada?
É o carneirinho? O macaco?...»

«— Faz favor de se calar?!...
olhe: se não quer rezar,
eu chamo o velho do saco,
que vai ali a passar;
e aquele papão do pau,
que tem na cabeça um guizo...
Faz favor de ter juizo?
Ai, ai, ai, o grande mau!!...»

... E levemente a luz tremeu, tremeu!
Pela sala espalhou-se uma luz baça!
Ao pálido clarão, à chama escassa,
a criança sorriu... e adormeceu...
... Mansinho... muito manso, a Mãe joelhou
num doce extase místico e divino,
beijou as mãos rosadas do menino,
e orou...
Disse depois com dulçor:
«—Ai! Nenhum pesar te vêm,
de não rezares, amor!
Se os teus pecados, meu Bem,
São tão iguais aos que tem,
os anjinhos do Senhor!!...—»

AMIGUINHA



HORA do RECREIO

Um travão para o «gazolina»

Meus amigos:

Foi esplendido o resultado do concurso de «engenhheiros», tendo aparecido trabalhos verdadeiramente formidáveis em engenho e arte.

Ganhou *Januário A. Guerra*, cuja ideia foi das mais simples e de maior efeito, como estão vendo pela gravura

MATERIAIS

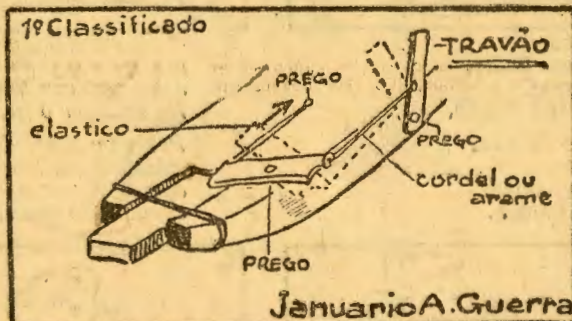
Um pedacito de madeira com um furo ao centro, que representa o travão e que se prega perto da hélice do barco.

De um lado prende-se um elástico que obriga a des-travar.

Do outro, um cordel que se prende a um pedacinho de folha, (manípulo do travão).

O pedacito de folha não deve estar lasso, para que o barco se não destrave sem ser preciso, o que poderia fazer alguma desgraça...

E estou certo de que bastará a gravura para explicar o resto.



Filipe Lage Carvalho da Silva e Henrique Borges. — Apresentaram a ideia de ligar uma hélice a um sistema de elástico em espiral, como o do automovel. Eplendida ideia e de bons resultados.

Aqui fica para os que a queiram aproveitar.

Fernando Guilherme da Silva Cruz. — O teu sistema de travão que é admirável, não impede que a hélice ande e por conseguinte não serve.

E's um artista!!

Leonel Gomes Coelho,

Horácio Bessa, António Duarte Coelho, Augusto Simões Lopes, José Sebastião Sotto-Maior, Manuel Reis de Carvalho, Jorge Dias e Luiz Pedro da Conceição. — Todos estes sobrinhos apresentaram belos trabalhos que demonstram grande talento por parte dos seus autores.

Victor Coelho Macedo Pinto. — O que pedes que eu faça é uma construção e não uma engenhoca, e construções é impossível fazerem-se.

Mario Marques de Magalhães. — Lê o que digo ao teu «primo» Victor Pinto.

TIOTÓNIO

A DIVINHAS

- 1
Qual a terra portuguesa onde ancoram bancos?
- 2
Qual a terra portuguesa que é arvore e o fim dum rio?
- 3
Qual a terra portuguesa que está na igreja e chama?
- 4
Qual a terra portuguesa que corre por vales e nos dá farinha?

5
Qual a terra portuguesa que é erva que muito pica e serve para dar de comer a perúsinhos?

6
Qual a terra portuguesa que passa sobre um rio que lhe dá nome?

7
Formar o nome de uma cidade portuguesa com a seguinte frase: RABESTAN.

Decifração das anteriores:

1 — Rua da Palma. 2 — Rua do Socorro. 3 — Rua do Sol. 4 — Vieira.

Continuação do Conto O CÃO DO MOLEIRO

Mas o meu cão pegou no rasto do seu caminho e, ei-lo, ali está a ladrar-lhe à porta, e corre-lhe a casa em volta da horta.

—E' pena não ser maiorzinho o meu cãozinho, então melhor vingaria, hoje ou outro dia, a partida do moinho.

—O' tia Ludovina e meus senhores, o meu cão só merece louvores; podiam dar-me o mundo inteiro, que eu não vendia o meu rafeiro.

—E' verdade, (disse a tia Ludovina) é muito certo, o seu cão é muito esperto! Que «inteligença»! Ora vejam a diferença, entre o «Mandavir» e os guardas do quartel que deixam, sem aranzel, o contrabando fugir!

Agora, resta saber se é verdade o que acaba de dizer.

—Verdade?! Mais que verdade, eu não costumeo mentir; é bem capaz de mais o meu «Mandavir». Outro dia, arrementei com um lobo, quando eu ia, por caminhos maus, a «Miaus», falar com o Manuel Carvoeiro!

Isto é verdadeiro, posso dizê-lo, assim como no «Castrêlo», e ainda hontem foi isto, eu juro pelas chagas de Cristo, que o meu cão apanhou uma raposa que saiu da lousa e

saltou, numa virtiginosa carreira, mas êle passou-lhe à dianteira e, voltando atrás em três saltos foi capaz de fazer da raposa uma rodelha. Juro também ser verdade, pela boa sorte de minha filha.

O Heitor da farmácia, com muita audácia, atreveu-se a dizer:—Pode ser, pode ser... mas eu, não acredito.

O seu cão o que é, é muito bonito mas arremetêr com o lobo e fazê-lo fugir... olhe, será bom mentir, mas tanto, isso não! E apanhar a raposa, também é «palão».

—Bom, está bem, não discuto consigo, venha dai comigo, vamos ao que importa. E bateram à porta do senhor sargento que, muito arrependido, confessou ser êle o atrevido que cortou, a água ao moinho. Disse mais ser estupidez porque, se o fez, foi debaixo, da acção duma embriaguez.

E' certo, o sargento é bom rapaz; de fazer mal, em seu juízo, é incapáz.

Como o sargento confessou, o Lázaro moleiro dêle amigo ficou. Viveram até hoje na melhor harmonia,

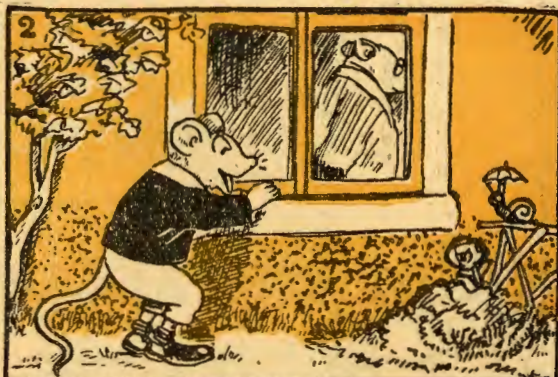
E adeus, meus meninos, até outro dia.

UM RATINHO GULOSO...



1
D. Rata, uma manhã,
disse ao esposo Dom Ratão,
Ratazana minhã irmã,
mandou-me um pudim de pão.

— Seu filho, jovem Titinho,
ao ouvir tal novidade,
pensa em comê-lo sozinho,
pois para tal tem vontade.



2
— Mamã Rata, que é matreira,
presente o gesto engenhoso
e vai arranjar maneira
De castigar o guloso.

Porque o gentil D. Titinho,
morador em Tarratice,
apezar de ser sonsinho,
comia tudo que visse.



3
Se a sua mamã dizia:
— qual dos meninos comeu?
— Ele, sereno, voltava:
foram todos menos eu!...

E seus manos, coitadinhos,
como ficavam calados,
os pobres inocentinhos
eram todos castigados.



4
Depois por ser muito mau,
em vez de se ir acusar,
também pegava num pau
e dava-lhes... a faltar!

— A D. Rata mamã,
andava desconfiada,
achando, nessa manhã,
Uma ocasião azada,



5
para apanhar o guloso;
e, para ele aprender,
no tal pudim saboroso,
deitou oimenta a valer.

Pouco depois, D. Titinho
mete à boca uma lasquinha,
e com guinchos de ratinho:
— Ai minha rica linguinha!...



6
Mamã Rata, pai Ratão,
mais a avó e o avôsinho,
Nisto aparecem e então...
veem o pobre Titinho,

Que por ser muito guloso
a sua língua queimou;
E, por ser um mentiroso,
mais pudim... nunca papou!...

Desenhos de TIONTONIO

Versos de MONDAGIDE